

Educação para e pelo amor na família e a formação de valores humanistas

Education for and through love in the family and the formation of humanist values

La educación por y para el amor en la familia y la formación de valores humanistas

Priscila Batista de Matos¹

Sumaia Midlej Pimentel Sá²

Resumo

A educação para e pelo amor na família influencia na formação de valores e virtudes da criança em desenvolvimento, principalmente na constituição daqueles valores e virtudes que vão conduzir à formação de uma cultura humanista. Entende-se por educação para e pelo amor aquela realizada dentro do lar, pela família, de forma amorosa, com o intuito de desenvolver valores humanos. A família é compreendida como o principal espaço de desenvolvimento do indivíduo e transmissão cultural, enquanto o amor é entendido como uma força ativa, a origem de todos os valores e virtudes humanos que fazem a pessoa de bem. Procurou-se, a partir dos estudos de Erich Fromm, Pierpaolo Donati, Leonardo Boff, Paulo Freire, Jean-Jacques Rousseau e Henrique Vieira, investigar se a educação para e pelo amor, quando realizada pelas

¹ Graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), graduada em Direito pela Faculdade Social da Bahia, especialização em Direito Público pela Faculdade Damásio e mestre do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL. E-mail: matos.priscila@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3267-8257>

² Graduada em Fisioterapia pela Fundação Para o Desenvolvimento das Ciências. Mestre e Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL, Brasil. - mail: sumaia.sa@pro.ucsal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6013-8592>.

famílias, influencia no desenvolvimento de valores humanistas. Os resultados apontam que apesar das mudanças por que passa a família, da diversificação das formas de organização familiar com reflexos no cuidar e no educar dos filhos, a família permanece a base da sociedade enquanto a essência do ser humano permanece feita de amor.

Palavras-chave: Família. Educação para e pelo amor. Valores humanistas. Amor. Virtudes.

Abstract

Education for and through love in the family influences the formation of values and virtues of the developing child, mainly in the constitution of those values and virtues that will lead to the formation of a humanist culture. Education for and through love is understood to be education carried out within the home, by the family, in a loving way, with the aim of developing human values. The family is understood as the main space for individual development and cultural transmission, while love is understood as an active force, the origin of all human values and virtues that make a person good. Based on the studies of Erich Fromm, Pierpaolo Donati, Leonardo Boff, Paulo Freire, Jean-Jacques Rousseau and Henrique Vieira, we sought to investigate whether education for and through love, when carried out by families, influences the development of humanist values. The results show that despite the changes that the family goes through, the diversification of the forms of family organization with reflexes in the care and education of children, the family remains the basis of society while the essence of the human being remains made of love.

Keywords: Family. Education for and through love. Humanist values. love. Virtues.

Resumen

La educación por y para el amor en la familia incide en la formación de valores y virtudes del niño en desarrollo, principalmente en la constitución de aquellos valores y virtudes que conducirán a la formación de una cultura humanista. Se entiende por educación para y por el amor la educación realizada en el seno del hogar, por la familia, de manera amorosa, con el fin de desarrollar los valores humanos. La familia es entendida como el principal espacio de desarrollo individual y de transmisión cultural, mientras que el amor es entendido como fuerza

activa, origen de todos los valores y virtudes humanas que hacen buena a la persona. Con base en los estudios de Erich Fromm, Pierpaolo Donati, Leonardo Boff, Paulo Freire, Jean-Jacques Rousseau y Henrique Vieira, buscamos investigar si la educación por y para el amor, cuando es realizada por las familias, influye en el desarrollo de valores humanistas. Los resultados muestran que a pesar de los cambios que atraviesa la familia, la diversificación de las formas de organización familiar con reflejos en el cuidado y educación de los hijos, la familia sigue siendo la base de la sociedad mientras la esencia del ser humano permanece hecha de amor.

Palabras clave: Familia. Educación por e para el amor. Valores humanistas. Amor. Virtudes.

1. Introdução

O mundo contemporâneo presencia, ao lado do progresso tecnológico e científico, enormes sofrimentos dos indivíduos e da coletividade. Acreditou-se que os valores capitalistas trariam paz e felicidade, mas foi um engano. O ser humano vive só na multidão, perdido e atormentado por desejos consumistas crescentes, marcado pelo individualismo, pela indiferença moral e pela dificuldade de amar (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958?).

Na contemporaneidade, o amor, no sentido universal do termo, é um fenômeno raro. Raro, porque o verdadeiro amor exige desprendimento, entrega e, muitas vezes, esforço. Sim, esforço para enxergar além dos próprios interesses e perceber o outro em sua integralidade. (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958?). Raro, porque vive-se uma época de banalização do mal e indiferença moral em relação ao sofrimento vivenciado por milhares de seres humanos cotidianamente (BAUMAN; DONSKIS, 2014).

Apesar da indiferença que acomete o indivíduo, a família mostra-se como o espaço onde é possível contribuir para o desenvolvimento de pessoas verdadeiramente humanas, por meio da educação para e pelo amor. A família é o local de onde provém o capital humano, social e espiritual de uma sociedade. As virtudes pessoais e sociais de uma pessoa são desenvolvidas na convivência familiar (DONATI, 2012), posto que a família “é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Considerando que ela apresenta um caráter suprafuncional, onde o amor está acima de todas as virtudes (DONATI, 2012), a família apresenta-se como o espaço ideal para a prática da educação para e pelo amor, para fins de formação de uma cultura baseada em valores humanistas. Para tanto, é necessário que esse amor seja ensinado, exemplificado e vivenciado na família - base da sociedade e de formação humana dos indivíduos.

Isso posto, esse artigo traz um recorte de pesquisa empreendida pelas autoras para fins de elaboração de dissertação no âmbito do mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (MATOS, 2022). Aqui, procurou-se, a partir dos estudos de Erich Fromm, Pierpaolo Donati, Leonardo Boff, Paulo Freire, Jean-Jacques Rousseau e Henrique Vieira, investigar se a educação para e pelo amor quando realizada pelas famílias influencia no desenvolvimento de valores humanistas. Com isso, busca-se colaborar

para a formação de uma sociedade justa, livre e fraterna, a partir de seu núcleo essencial: a família; e, a partir do mais nobre dos sentimentos: o amor.

2. Família e educação para os valores humanistas

O modelo tradicional de família ocidental (casal heterossexual com filhos) modificou-se nas últimas décadas. As mudanças econômicas e culturais e os avanços técnico-científicos, dentre os quais se destaca a criação da pílula anticoncepcional, influíram na postergação da maternidade e na queda na taxa de fecundidade. No campo cultural, o desenvolvimento das ciências humanas também repercutiu nas reflexões sobre o papel da mulher na família e na sociedade. Por sua vez, a revolução sexual e conseqüente ascensão da mulher no mercado de trabalho foram fatores decisivos para transformação do padrão tradicional de família nuclear (ARRIAGADA, 2009; DESSEN, 2010).

A contemporaneidade presencia uma maior diversificação dos modelos de família. A família heterossexual com filhos, onde a mulher é dona de casa, representa um a cada cinco lares latino-americano urbanos. Com isso, o homem deixa de ser o único provedor da família e divide com a mulher o sustento do lar. Além disso, o número de famílias que segue o padrão heterossexual com filhos reduziu e hoje coexiste com as famílias monoparentais, homoafetivas, estendidas, famílias com uma pessoa só, recasadas, famílias nucleares sem filhos, etc. (ARRIAGADA, 2009). A variação nas formas de estruturação familiar é tamanha que

Dessen (2010) destaca que a definição ecopsicológica de família proposta por Petzold (1996) abarca 196 tipos diferentes de famílias na sociedade contemporânea, sem qualquer preconceito ou exclusão.

Outras mudanças referem-se à redução no tamanho da família, às uniões tardias e ao maior distanciamento entre os filhos (ARRIAGADA, 2009). No Brasil, as transformações são maiores e mais aceleradas a partir da segunda metade do século XX e marcam novas formas de organização familiar, bem como de interação entre seus membros, com reflexos na concepção sobre o papel da família e na forma de cuidar e educar os filhos. Na transição entre as décadas de 1930 a 1980, percebe-se que existe maior atenção à necessidade de ternura, afeto, compreensão e diálogo, para promoção do bem-estar subjetivo da criança (BIASOLI-ALVES, 1997).

Logo, a estrutura familiar patriarcal e hierárquica brasileira mudou profundamente ao longo dos séculos XIX e XX, de tal maneira que a contemporaneidade experiencia os mais diferentes arranjos familiares. A partir de 1960, as relações são mais igualitárias entre os casais e entre pais e filhos. Observa-se a presença do diálogo e a crescente valorização da afetividade. A maior preocupação dos pais é oferecer educação e melhores condições de vida aos filhos (ALVES, 2014; BIASOLI-ALVES, 1997; DESSEN, 2010; DIAS; PETRINI, 2016).

Donati (2011) também afirma a diversificação de formas de organização familiar. O autor aponta para a dificuldade de definição da família, que se deve, em parte, ao seu caráter suprafuncional, isto é, “ela

não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas constitui um leque potencialmente indefinido, visto ser uma relação social plena, ou seja, é um ‘fenômeno social total’ que [...] implica todas as dimensões da existência humana”. (DONATI, 2011, p.55). Assim, para o referido autor, a força e a estabilidade da família encontram respaldo nas suas múltiplas funções, posto que ela não se restringe a padrões, conceitos e papéis predeterminados. Por isso, as transformações por que passa, longe de a enfraquecer, além de revelar o surgimento de novos modelos familiares, a posiciona como uma instituição forte, estável (ENGELMANN; PETRINI, 2016), apta a contribuir para o desenvolvimento de valores humanistas e consequente transformação da sociedade.

Apesar da dificuldade na sua definição (DONATI, 2011), a família é reconhecida como o lugar de acolhimento do indivíduo. Mais que isso: ela é vista tanto no senso comum, como pelas próprias ciências humanas, como base das relações sociais. Por base, entenda-se o elemento estrutural mais essencial de uma sociedade, porque, não importa a formatação que possua, a família sempre irá influir na formação humana de seus membros (DONATI, 2011; FONTOURA, 2014).

Por sua vez, família e sociedade se influenciam reciprocamente. Então, ante a crise de valores da sociedade contemporânea, a família representa uma possibilidade de resposta, a partir da educação das crianças e jovens no sentido de uma formação ética responsável (ALVES, 2014). Tal ocorre porque a família permanece como base para

o desenvolvimento da pessoa e “espaço privilegiado de formação humana” (ENGELMANN; PETRINI, 2016, p. 65) onde as relações parentais “são constitutivas do ser humano, desde a dimensão biológica até a conformação da personalidade dos filhos” (DIAS; PETRINI, 2016, p. 19).

A vida em família impulsiona o indivíduo a reconhecer-se como sujeito individual e coletivo, filho de seus pais, mas também filho de si mesmo e membro da família universal, à qual todos estão ligados pelo sentimento do amor. A importância da família para a sociedade é tamanha, a ponto de se considerar que “la riqueza de las naciones, hoy, no reside ya en los bienes materiales, en el PBI que se produce, sino en la cualidad de las relaciones humanas, en cuyo centro está la familia”³ (DONATI, 2012, p. 45). Portanto, a família constitui um dos primeiros e principais ambientes de socialização do indivíduo, de aprendizagem cultural e de transmissão de valores (DESSEN; POLONIA, 2007; DONATI, 2011).

Estudos a partir de 1980 redescobriram a relevância da família para a educação das novas gerações. Embora as pesquisas sobre família sejam relativamente recentes (MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2016), no século XVIII, Rousseau (1995) tratou sobre o papel da mãe e do pai na formação humana dos filhos e, por conseguinte, no progresso da sociedade. Rousseau aponta para a responsabilidade da mulher nos cuidados com os filhos, no equilíbrio da família e na afetividade do casal.

³ Tradução nossa: “a riqueza das nações, hoje, não reside nos bens materiais, nem no PIB que produz, mas sim na qualidade das relações humanas, em cujo centro está a família” (DONATI, 2012, p. 45).

Para ele (1995, p. 21), “a atração da vida doméstica é o melhor contraveneno para os maus costumes.” Embora ressalte o papel da mãe, não deixa de se referir à responsabilidade paterna e à importância do zelo: “será mais bem educado por um pai judicioso e limitado do que pelo mais hábil preceptor do mundo, porquanto o zelo substituirá mais o talento do que o talento o zelo” (ROSSEAU, 1995, p. 24).

Logo, faz-se necessário que os pais cuidem pessoalmente de seus filhos e que esses cuidados sejam acompanhados do zelo e da ternura (ROUSSEAU, 1995). A própria ideia de cuidado já traz em si estes elementos. Embora os costumes da contemporaneidade tenham tornado as pessoas menos afetuosas e mais individualistas, o cuidado está na essência do ser humano e representa uma das faces do amor. Por meio dos seus cuidados, os pais ajudam os jovens a ordenar suas paixões e a desenvolver o amor à virtude e ao bem (BOFF, 2000; FROMM, 1958?; ROUSSEAU, 1995). Dessa maneira, a educação deve se ocupar de tornar as pessoas acima de tudo humanas, pois a família, “como estrutura onnipresente em qualquer cultura [...] serve de suporte a valores essenciais”⁴ (D’AGOSTINO, 2002, p. 148).

Mas o que caracteriza uma pessoa como humana? Ser humano é ser bom e ser bom é não fazer o mal a ninguém. Trata-se de uma obrigação negativa, isto é, de não fazer algo. Essa obrigação vai além daquela que preceitua que se faça o bem, porque todos podem fazer o bem. É possível fazer o bem a uma pessoa por meio do prejuízo de uma

⁴ Tradução nossa: “como estrutura onipresente em qualquer cultura, a instituição familiar serve de suporte a valores essenciais” (D’AGOSTINO, 2002, p. 148).

outra ou até de centenas de outras pessoas. Então, ser bom é escolher fazer o bem e também não fazer o mal, ainda que apenas um indivíduo venha a sofrer com esse mal. (ROUSSEAU, 1995)

Para tanto, o papel da família é fundamental na constituição da identidade pessoal e social do indivíduo. A educação dada pela família, não apenas com palavras, mas sobretudo com o exemplo, é decisiva para desenvolver as virtudes pessoais e sociais. Estas, por sua vez, dizem respeito às qualidades morais que subsidiam os valores humanistas. Para Donati:

La distinción entre virtudes personales e sociales tiene un carácter relacional. Las virtudes personales son referidas a la persona en cuanto tal, y su centro de imputación es la conciencia individual. Su fin es el perfeccionamiento de la persona, su plena humanización. Las virtudes sociales son referidas a las relaciones entre las personas [...] Las virtudes sociales son entonces aquellos modos habituales de vivir según el bien moral que se expresan en las relaciones con ‘los otros’. Son modos de relacionarse con los otros. Los otros pueden ser personas con quienes se tienen particulares lazos y vínculos recíprocos, o bien pueden ser personas extrañas, es decir, ‘el otro generalizado’. Las virtudes personales conducen a la felicidad individual [...] Las virtudes sociales conducen a la felicidad pública [...] Es evidente que una felicidad depende de la otra (DONATI, 2012, p. 43).⁵

⁵ Tradução nossa: “A distinção entre virtudes pessoais e sociais tem um caráter relacional. As virtudes pessoais são referidas à pessoa enquanto tal e seu centro de imputação é a consciência individual. Seu fim é o aperfeiçoamento da pessoa, sua plena humanização. As virtudes sociais são referidas às relações entre as pessoas. As virtudes sociais são então aqueles modos habituais de viver segundo o bem moral que se expressam nas relações com ‘o outro.’ São modos de relacionar-se com os outros. Os outros podem ser pessoas com quem se tem particulares laços e vínculos recíprocos, ou bem podem ser pessoas estranhas, quer dizer, ‘o outro generalizado’.

As virtudes pessoais e sociais são formadas nas relações, tanto nas relações familiares, na educação dos filhos, como na relação com todas as demais pessoas, em geral, de modo tal que de umas devem derivar as outras. Assim, a família tem um relevante papel nas mediações⁶ que os sujeitos estabelecem. Pode ser vista como “sujeito de funções para a sociedade” (DONATI, 2011, p. 191) onde “o que ela faz tem reflexos sobre qualquer outra forma de socialidade” (DONATI, 2011, p. 191). A família é também “um nexos entre liberdade de escolha e responsabilidade das consequências” (DONATI, 2011, p. 191), pois o que cada membro e a família como um todo faz reflete na comunidade em que vivem. Assim, a família pode ser considerada como um laboratório de formação da pessoa humana a partir do desenvolvimento de virtudes que humanizam o indivíduo. Virtudes estas desenvolvidas por meio da educação das crianças e jovens no lar (ROUSSEAU, 1995).

Em pesquisa realizada por Dametto, Noronha e Silva (2019) com 304 jovens entre 13 e 20 anos, de escolas públicas de São Paulo, para verificar, por meio do Inventário de Percepção do Suporte Familiar (IPSF)⁷, a relação entre o apoio da família e as forças de caráter dos

As virtudes pessoais conduzem à felicidade individual [...] As virtudes sociais conduzem à felicidade pública [...] É evidente que uma felicidade depende da outra” (DONATI, 2012, p. 43).

⁶ Entende-se como mediação as articulações, conexões, ligações, verticais e/ou horizontais, estabelecidas entre os sexos, gerações e entre os membros da família e a sociedade (DONATI, 2011).

⁷ O IPSF “objetiva verificar a percepção das pessoas sobre as relações familiares em termos de afetividade, autonomia e adaptação entre seus membros [...] O instrumento tem 42 itens, cada um com três pontos, numa escala onde 1 refere-se a ‘sempre ou quase sempre’, 2 ‘às vezes’ e 3 ‘quase nunca ou nunca’” (DAMETTO; NORONHA; SILVA, 2019, p. 627, tradução nossa)

adolescentes, foi observado que “it was served that some strengths were more present in the regression analyses, in two of the three factors of the IPSF, namely: love, wisdom, love of learning, creativity and modesty”.⁸ A pesquisa concluiu que “se a família for capaz de oferecer um ambiente propício que ofereça espaço para o desenvolvimento das forças de caráter de adolescentes, essas características positivas poderão ser vivenciadas mais frequentemente.”

Nas famílias em que a afetividade é bem estruturada e consolidada, os indivíduos sabem lidar melhor com conflitos e resolução de problemas. Quem vive em lares onde o amor está presente, em geral demonstra bom desenvolvimento social, é resiliente, apresenta capacidade emocional e social para a adaptação e sabe utilizar-se de estratégias eficazes para lidar com conflitos. Logo, o amor em família mostra-se como uma ferramenta relevante para formação da pessoa de bem e conseqüente transformação da sociedade (CABRAL, 2015; DESSEN; POLONIA, 2007). Mas, qual o significado real do amor?

3. O amor como instrumento de transformação humana

Muito se fala sobre o amor. Filósofos, escritores, artistas, pensadores de todas as épocas falaram a respeito. Mas, se muitos falaram

⁸ Tradução dos autores: “foi observado que algumas forças estiveram mais presentes nas análises de regressão, em dois dos três fatores do IPSF, sendo elas, amor, sensatez, amor ao aprendizado, criatividade e modéstia” (DAMETTO; NORONHA; SILVA, 2019, p. 625).

do amor no seu aspecto romântico, houve quem também falasse do amor universal, daquele que é premissa para resgatar a humanidade do homem e tornar a sociedade melhor (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958?; VIEIRA, 2019).

Jesus Cristo falou do amor no aspecto universal quando pregou o amor ao próximo. Freud (1976, apud BAUMAN, 2004) tece uma reflexão sobre o mandamento do amor ao próximo. Para ele, trata-se de um preceito fundamental da civilização, mas também o que mais contraria a própria civilização, que se funda no interesse próprio. É aceitável e esperado que se ame os familiares, aqueles que compartilham dos mesmos interesses, crenças e valores, bem como aqueles que também nos amam. Mas, amar o próximo, alguém a quem não conhecemos, que é diferente e, principalmente, que não nos ama, como isso é possível? Que benefício poderemos ter em amar alguém que não nos ama?

A ação em tese moral deixa de ser moral quando se intenciona auferir um benefício. O amor que ao amar pretende se beneficiar não é amor. Para ser amor, antes tem que ser espontâneo e desinteressado (ALMEIDA; BITTAR, 2010; BAUMAN, 2004). Atualmente, chama-se amor as mais diversificadas experiências. Há uma quase banalização da palavra amor. Se uns circunscrevem o amor à vivência de um casal, outros denominam amor uma noite de sexo avulso com desconhecidos, por exemplo. Um indivíduo que ama sua mulher e seus filhos pode ser alguém que não se importa com o sofrimento alheio. Dessa forma, pode-

se inferir que o amor na sociedade contemporânea é um fenômeno raro (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958?; VIEIRA, 2019).

O amor não é indiferente e nem circunscrito. O amor é uma atitude, uma postura diante da vida, uma escolha diária. Trata-se de uma escolha porque, de acordo com Freud, o amor ao próximo contraria a natureza original do ser humano. E porque contraria aquilo que o homem tem de mais instintivo, maior (?) a tendência em praticar atos de desamor. Por isso, é que o amor precisa ser um mandamento e grande deve ser a obstinação em repeti-lo (FREUD, 1976 apud BAUMAN, 2004; FROMM, 1958?; VIEIRA, 2019).

Mas, afinal, o que é amor? O amor é uma força ativa em todo homem e em toda mulher, uma escolha consciente, que produz ainda mais amor. Trata-se de “uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que o une aos outros” (FROMM, 1958?, p. 43). Então, o amor é também um ato de vontade, que não se restringe ao sentimento passivo (FORNASIER, 2016).

O amor não se resume a um afeto passivo, aproxima-se mais a “uma orientação de caráter, que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo, e não para com um ‘objeto’ de amor” (FROMM, 1958?, p. 71). Embora o amor esteja expresso também no sentimento, no sentir, no receber amor, ele está muito mais presente na ação de dar, porque “amor é amar, e amar é agir para que o outro possa ser em liberdade” (VIEIRA, 2019, p. 41). Então, “o amor é algo que deve ser [...] concretizado em ações de cuidado com o que está ao nosso redor. Não basta ficar na pulsão abstrata [...] pois o amor pede decisão,

mudança de entendimento e atitudes que preservem e promovam a vida” (VIEIRA, 2019, p. 41).

Daí se infere o papel transformador do amor. A cada vez que, diante de uma situação concreta, se escolhe agir com amor, se decide por amar, desinteressadamente, em detrimento, inclusive, dos próprios interesses, o resultado é maior amor, é felicidade, é paz. Fromm (1958?) faz uma classificação dos tipos de amor⁹ e afirma que dentre todos, o amor fraterno é o mais fundamental e o que serve de alicerce a todos os demais. Subjacente ao amor fraterno está o sentimento de responsabilidade, cuidado e respeito para com todos os seres humanos. No amor fraterno, realiza-se a experiência da solidariedade humana. Trata-se, como já mencionado, do amor ao próximo, ensinado e exemplificado por Cristo (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958; VIEIRA, 2019). Dessa forma, “o amor ao próximo pode exigir um salto de fé. O resultado, porém, é o ato fundador da humanidade. Também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade” (BAUMAN, 2004, p. 100).

É no ato de amar que o ser humano se liberta das paixões e instintos que o oprimem e resgata a sua humanidade (BAUMAN, 2004; FROMM, 1958; VIEIRA, 2019). Nesse percurso, seu coração dilata-se, seu olhar se modifica e ele passa a perceber o mundo a sua volta de modo diferente, isto é, torna familiar o que antes era estranho. A dor do outro não é mais a dor do outro, mas é sua própria dor também. O amor faz

⁹ Amor fraterno, amor materno, amor erótico, amor-próprio e amor de Deus (FROMM, 1958?).

cessar a indiferença, por isso se diz que o amor é revolucionário (VIEIRA, 2019).

O amor é revolucionário porque é não conformista com a indiferença moral, com o narcisismo, com a banalidade do mal, com a cultura de massa, com tudo o que oprime e diminui as expressões de vida (FROMM, 1958?; VIEIRA, 2019). Fromm destaca que o amor não deve se restringir ao campo pessoal, mas deve estar inseparável da vida social. “Se amar significa ter uma atitude amorosa para com todos, se o amor é um traço do caráter, deve ele necessariamente existir nas relações que se tenham [...] com aqueles com os quais se tem contacto” (FROMM, 1958?, p. 166), a fim de gradualmente modificar a estrutura sociocultural dominante.

Para atingir esse nível de amor é necessário disciplina, concentração, paciência e fé. Fé na possibilidade do amor como fenômeno social. Embora o amor sob esta ótica seja uma exceção na sociedade capitalista, não há incompatibilidade entre o amor e a vida cotidiana. Daí, a necessidade da família para a concretização do amor e, por consequência, para a transformação do indivíduo e da sociedade (DONATI, 2012; FROMM, 1958; VIEIRA, 2019).

Para Fornasier (2016, p. 104), “com efeito, a experiência do amor surge na instituição familiar como relação de dom entre os sexos e as gerações, como sendo o próprio dom da vida.” Então, a chave para dar esse salto de fé e resgatar o sentido prático e universal do amor está “em nosso círculo mais cotidiano e familiar. São ações cotidianas que melhoram nossos pequenos mundos” (VIEIRA, 2019, p. 40), de modo

que “a construção desse amor maior começa a ser forjada em nossas relações mais pontuais” (VIEIRA, 2019, p. 40).

No que tange aos pequenos gestos, pode-se dizer da relação entre mãe e filho desde antes do nascimento. Em termos ideais, a criança vivencia a experiência de ser amada apenas pelo que é: filha de sua mãe, porque o amor da mãe pelo filho é incondicional. A criança, nesse caso, vivencia a experiência do amor passivo, ela recebe amor porque ela é o objeto de amor, isto é, sujeito passivo do amor. Daí que, para aprender a amar, os primeiros anos da criança, na convivência com a família, em que ela se sinta amada, são essenciais (FROMM, 1958?; MALDONADO, 2009; ROUSSEAU, 1995).

A experiência amorosa inicia-se ainda durante a gestação, quando a criança ouve a voz da mãe, escuta as músicas que ela escuta, sente o carinho materno. E prossegue após o nascimento, com o toque, o olhar, as palavras, as carícias, as brincadeiras, os cuidados (CABRAL, 2015; CIRULNIK, 2015; CONDORELLI, 2015; FROMM, 1958?; MALDONADO, 2009). Daí, se infere a responsabilidade da família e o papel que a vivência diária entre pais e filhos tem na formação de uma nova consciência, apta a transformar o modo de o ser humano viver e relacionar-se com o seu semelhante e apta a “formar uma nova geração de pessoas capazes de fazer a revolução do amor” que a sociedade precisa (MALDONADO, 2003 apud MALDONADO, 2009, p. 213).

Essa concepção de maternidade e paternidade implica na ética do cuidado, isto é, no favorecimento da prática do amor ao próximo como meio de formação de uma cultura de respeito aos direitos humanos

e de reverência pela vida, denominada biofilia¹⁰, (FROMM, 1984). Trata-se de construir uma cultura “centrada na dimensão da consideração do outro e do afeto, traços de uma cultura do cuidado” (ALMEIDA; BITTAR, 2010), que é o sentimento por excelência, aquele que resgata a ternura, a compaixão e que torna os indivíduos humanos (BOFF, 2000). Para tanto, o caminho é a educação para e pelo amor¹¹ das crianças e jovens no lar.

Por meio da educação, pode-se intervir indiretamente na sociedade e contribuir para tornar o mundo mais justo, humano e solidário. Para tanto, é preciso educar as pessoas, mas não apenas em matemática, ciências, português, precisa-se ensinar as pessoas a serem gente, porque o ser humano é um projeto que se faz e que aprende a partir da educação (FREIRE, 2000; ROUSSEAU, 1995). Daí que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 31).

¹⁰ “A biofilia é o amor apaixonado pela vida e por tudo aquilo que é vivo; é a sede de um crescimento complementar, numa pessoa, planta, ideia ou grupo social. A pessoa biófila [...] Deseja moldar e influenciar pelo amor, pela razão e pelo exemplo” (FROMM, 1987, apud ALMEIDA; BITTAR, 2010, p. 692).

“A ética biófila tem seu próprio princípio quanto ao bem e ao mal. Bem é tudo aquilo que serve à vida; mal é tudo o que serve à morte. O bem é a reverência pela vida, tudo o que engrandece a vida, o crescimento, o desdobramento. O mal é tudo o que sufoca a vida, que a restringe, que a corta em pedaços” (FROMM, 1987, apud ALMEIDA; BITTAR, 2010, p. 692).

¹¹ Baden-Powell utiliza a expressão educação pelo amor em palestra apresentada em 1922 no 3º Congresso Internacional de Educação Moral, em Genebra – Suíça, e publicada na revista *JAMBOREE: The World-wide Scout Journal* - em 1923. Tradução de Américo Jacobina Lacombe, em 1928. Rafael Fornasier utiliza a expressão educação para o amor a fim de sugerir uma educação direcionada a uma “adequada experiência afetiva”, que “dê conta da sua dignidade humana e de sua realização como pessoa” (FORNASIER, 2016, p. 105).

Logo, a responsabilidade dos pais é grande, no sentido de que cabe a eles entregar à sociedade uma pessoa de bem, digna, que contribua para tornar o meio em que vive melhor (ROUSSEAU, 1995). A amorosidade e a afetividade são fatores básicos da vida humana e da educação (FREIRE, 2000). Então, a educação, para ser completa e ser capaz de transformar o indivíduo e a sociedade, não pode realizar-se sem o amor e suas formas de expressão.

4. Considerações finais

É preciso começar pelo amor, prosseguir com ele e por ele e terminar com o amor. A sociedade ocidental ouve, lê, estuda e comenta sobre o amor há mais de dois mil anos. Nos tempos atuais, considera-se amor outros tantos sentimentos e emoções como paixão, atração, empatia, respeito, cuidado, alteridade, etc. A verdade é que, sem que se perceba, a sociedade tem no amor a sua chave de organização. E todos estes princípios e maneiras de denominá-lo são uma parte do que representa em essência o amor.

Apesar da banalidade do mal na cultura contemporânea e da indiferença moral que permeia o indivíduo, a essência do ser humano ainda é amor. Toda pessoa necessita colocar em atividade o amor que habita latente em si mesmo. Para tanto, a convivência saudável em família, onde os seus membros se amam e se respeitam é de fundamental importância.

A relevância da família está presente da recepção à educação da nova criança que vem ao mundo. Desde o início da gestação, a criança é

capaz de sentir as emoções que a circundam. Daí a importância do amor a se manifestar nas músicas que a mãe escuta, nas conversações, no tom da sua voz quando fala com o bebê, no carinho na barriga, na alegria que demonstra com a gravidez, nos cuidados que tem com a própria saúde, etc. Enfim, o amor da família pelo novo ser pode se manifestar de diferentes maneiras nos menores gestos.

Após o nascimento, esse amor continua a se manifestar nos cuidados diários. Ele se revela na amamentação, nas brincadeiras, no banho, no trocar de fraldas, na fala, e prossegue quando os bebês começam a andar, crescem e tornam-se adolescentes. Então, a cada fase, o amor se faz presente, se adapta, cria formas novas de aparecer. Quando uma criança é educada com amor e para viver conforme o amor, a probabilidade de ela estruturar o seu caráter nos valores humanistas é maior. Que valores são esses? Não há um rol fechado. Trata-se daqueles derivados do amor em seu sentido universal, como cuidado, respeito e responsabilidade, os quais são fundamentais para humanização do ser humano.

Logo, o presente artigo evidenciou que se a sociedade ainda experimenta grandes convulsões morais, a família mostra-se como o local onde é possível vivenciar o amor, contribuir para o desenvolvimento de valores humanistas nas crianças e jovens e, com isso, iniciar uma mudança cultural que leve à transformação da humanidade. São das pequenas ações de cuidado, zelo, ternura, compaixão, em cada lar, que se formam o homem e a mulher que sabem amar e respeitar a beleza da vida. É de um “não” no momento certo e de

um carinho quando se chega cansado em casa, dentre outras tantas manifestações de amor, que se educa e ensina o ser humano a perseverar, a reinventar-se, a humanizar-se, de forma a perceber em cada ser ele próprio refletido e assim amar-se e amar a tudo e a todos. Assim, esse artigo revelou que quando as famílias educam suas crianças para o amor e pelo amor, de fato influenciam na formação de valores humanistas e contribuem na formação de pessoas aptas a realizar a revolução do amor que a sociedade necessita.

Referências

ALMEIDA, Guilherme Assis de; BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Curso de Filosofia do Direito**. 8ª ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2010.

ALVES, Maria Cherubina de Lima. **Famílias e formação ética: a educação das crianças sob a ótica de mulheres**. 2014. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/11449/124076>. Acesso em: 17 set. 2021.

ARRIAGADA, Irma. La diversidad y desigualdade de las familias latino-americanas. **Revista latino-americana de estudos de família**, vol. 1, p. 9-21, 2009. Disponível em: http://revlatinofamilia.ucaldas.edu.co/downloads/Rlef1_1.pdf Acesso em: 02 out 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação das crianças. **Temas de Psicologia**, n. 03, p. 33-49, São Paulo: 1997. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005. Acesso em: 02 out. 2021.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CABRAL, Sandra. Marcas de resiliência ou sobre como tirar leite de pedra. *In*: CABRAL, Sandra; CYRULNIK, Boris (orgs). **Resiliência**: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015. p. 57-74

CONDORELLI, Antonino. O florescer do lótus na lama: sobre educação e resiliência. *In*: CABRAL, Sandra; CYRULNIK, Boris (orgs.). **Resiliência**: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015. p. 121-135

CYRULNIK, Boris. Resiliência: continuar a nascer. *In*: CABRAL, Sandra; CYRULNIK, Boris (orgs.). **Resiliência**: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015. p. 33-56.

DAMETTO, Denise Martins; NORONHA, Ana Paula Porto; SILVA, Elaine Nogueira da. Relations between family support and character strengths in adolescents. **Psico-USF**, vol. 24, n. 4, p. 625-632, São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/TPzHqFXf8WJKb6BfjBSsHF/abstract/?lang=en>. Acesso em: 14 out. 2021.

D'AGOSTINO, Francesco. **Elementos para una filosofía de la familia**. Madrid: Ediciones RIALP, 2002.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, vol.17, n.36, p. 21-32, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003. Acesso em: 13 jun 2020.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos. **Psicologia: ciência e profissão**, n. 30, p. 202-219, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/27848> Acesso em: 10 out 2021.

DIAS, Marcelo Couto; PETRINI, Giancarlo. Relações conjugais e familiares na sociedade contemporânea. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. (org.) **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 19-31.

DONATI, Pierpaolo. Família no século XXI: abordagem relacional. Tradução: João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2011.

DONATI, Pierpaolo. **La política de la familia**: Por un welfare relacional y subsidiario. Santiago: Ediciones UC, 2012.

ENGELMANN, Franciele; PETRINI, Giancarlo. Dádiva, tempo e sacrifício. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. (org.) **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 55-69.

FONTOURA, Clarissa Santos. **Família, cuidado e educação de filhos**: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho – estudo de casos múltiplos. 2014. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCSAL-1_0d58b45663812fc8cba369ec61fc4770. Acesso em: 17 set 2021.

FORNASIER, Rafael Cerqueira. Amor e vínculo conjugal. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. (org.) **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 89-109.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução: Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, [1958?].

FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança**. Tradução: Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida. O ciclo vital de famílias brasileiras. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. (org.) **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 33-53.

MALDONADO, Maria Tereza. Ter filhos no século XXI. *In*: DUARTE, Geraldo; FONTES, José Américo Silva. **O nascituro**: visão interdisciplinar. São Paulo: Editora Atheneu, 2009. p. 211-215

MATOS, Priscila Batista de. **A família e a cultura de valorização da vida desde o útero materno**. 2022. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/4795>. Acesso em: 06 jun 2022.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, da educação**. Tradução: Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VIEIRA, Henrique. **O amor como revolução**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.